

INTERVENÇÃO GRUPAL NAS MULHERES COM DEPENDÊNCIA DE ÁLCOOL

Lídia Susana Mendes Moutinho¹;

Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL); Centro de Investigação, Inovação e Desenvolvimento em Enfermagem de Lisboa (CIDNUR); Center for Health Technology and Services Research (CINTESIS), Lisboa, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0001-5076-0612>

Joana de Almeida Caçador Teixeira Carvalho Guerra²

Unidade de Alcoologia e Novas Dependências, Hospital Júlio de Matos, Unidade Local de Saúde de São José, Lisboa, Portugal; Centro Clínico Académico de Lisboa, Lisboa, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0003-3211-7038>

Ana Paula Santos Diegues³;

Unidade de Alcoologia e Novas Dependências, Hospital Júlio de Matos, Unidade Local de Saúde de São José, Lisboa, Portugal.

João José Rolo Longo⁴;

Instituto Politécnico da Lusofonia - Escola Superior de Saúde Ribeiro Sanches (ERISA); Centro de Investigação, Inovação e Desenvolvimento em Enfermagem de Lisboa (CIDNUR); Núcleo de Investigação em Ciências e Tecnologias da Saúde (NICiTeS)

<https://orcid.org/0000-0001-7462-9790>

Claúdia Sofia Raminhos⁵;

Instituto Politécnico da Lusofonia - Escola Superior de Saúde Ribeiro Sanches (ERISA); Núcleo de Investigação em Ciências e Tecnologias da Saúde (NICiTeS)

Olga Maria Martins de Sousa Valentim⁶.

Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL); Centro de Investigação, Inovação e Desenvolvimento em Enfermagem de Lisboa (CIDNUR); Center for Health Technology and Services Research (CINTESIS&RISE), Porto, Portugal.

<https://orcid.org/0000-0002-2900-3972>

RESUMO: A Perturbação de Uso de Álcool (PUA) nas mulheres é um fenómeno que nas últimas décadas tem vindo a aumentar consideravelmente. Apesar da prevalência da PUA no sexo feminino ainda ser significativamente menor que nos homens, verifica-se que esta diferença se tem vindo a esbater. Tal alteração é já notória no crescente número de pessoas do sexo feminino que procura tratamento para a dependência alcoólica. Considerando as consequências físicas, psicológicas e sociais da dependência de álcool nas mulheres, bem como o aumento da procura dos cuidados de saúde e a escassez de intervenções dirigidas a esta população, foi implementada num serviço de tratamento ambulatório de um hospital psiquiátrico de uma cidade portuguesa, uma Intervenção Grupal (IG) dirigida a mulheres com PUA. A sua dinamização semanal tinha como principal objetivo identificar as estratégias para

lidar com as consequências do consumo de álcool com vista à promoção e manutenção da abstinência. Método: Na procura da sustentação da pertinência da intervenção e tratamento das mulheres com PUA, foi desenvolvido um estudo qualitativo com recurso a 3 Focus Grupo (FG) que congregaram um total de 24 participantes. A análise de dados foi realizada através da metodologia de análise de conteúdo segundo Bardin. Resultados: Os resultados apontam para a importância da IG na manutenção da abstinência uma vez que contribui para a diminuição da ansiedade e do estigma associado ao consumo. A capacitação para a mudança, o sentir-se integrada no grupo e o aumento da literacia sobre a doença são aspetos major da IG. Conclusão: A IG para mulheres com PUA é uma abordagem essencial no tratamento e na manutenção da abstinência.

PALAVRAS-CHAVE: Alcoolismo. Mulheres. Tratamento.

GROUP INTERVENTION FOR WOMEN WITH ALCOHOL DEPENDENCY

ABSTRACT: Alcohol Use Disorder (AUD) in women is a phenomenon that has increased considerably in recent decades. Although the prevalence of PUA in females is still significantly lower than in men, it appears that this difference has been blurring. This change is already noticeable in the growing number of females seeking treatment for alcohol dependence. Considering the physical, psychological and social consequences of alcohol dependence in women, as well as the increased demand for healthcare and the scarcity of interventions aimed at this population, it was implemented in an outpatient treatment service of a psychiatric hospital in a Portuguese city, a Group Intervention (GI) aimed at women with AUD. The main objective of its weekly promotion was to identify strategies for dealing with the consequences of alcohol consumption with a view to promoting and maintaining abstinence. Method: To support the relevance of the intervention and treatment of women with PUA, a qualitative study was developed using 3 Focus Groups (FG) that brought together a total of 24 participants. Data analysis was carried out using the content analysis methodology according to Bardin. Results: The results point to the importance of GI in maintaining abstinence as it contributes to reducing anxiety and stigma associated with consumption. Empowerment for change, feeling integrated into the group and increasing literacy about the disease are major aspects of GI. Conclusion: GI for women with AUP is an essential approach in treating and maintaining abstinence.

KEY-WORDS: Alcoholism. Women. Treatment.

INTRODUÇÃO

O consumo de álcool a nível mundial é um dos principais problemas de saúde pública. Em 2020, cerca de 3 milhões de mortes foram atribuídas ao consumo de álcool. Destas, 7,7% reportam-se a indivíduos do sexo masculino e 2,6% do sexo feminino (World Health Organization [WHO], 2022). Apesar da maior prevalência de consumo nos indivíduos do sexo masculino, a Organização Mundial de Saúde (OMS) alerta para a maior

vulnerabilidade feminina para esta substância, uma vez que se tem vindo a constatar um aumento dos consumidores do sexo feminino em paralelo com o desenvolvimento económico e com as mudanças de papéis habitualmente atribuídos a cada um dos sexos (WILSNACK, WILSNACK, KANTOR, 2013; WHO, 2022).

Em Portugal, nos últimos anos, constata-se um aumento da população abstinentes do consumo de bebidas alcoólicas entre os 15-74 anos, no entanto, verificou-se a diminuição da idade média dos consumos, o aumento do consumo recente e atual de álcool, embriaguez severa, consumos de riscos e dependência. Este agravamento registou-se em ambos os sexos, na maior parte dos grupos etários, com o consumo de risco elevado nos 15-24 anos e 25-34, e a dependência nos intervalos 35-44 anos e 45-54 anos (SERVIÇO INTERVENÇÃO COMPORTAMENTOS ADITIVOS [SICAD], 2023). O mesmo autor realça que o número de pessoas que iniciam tratamento tem vindo a aumentar assistindo-se, em 2023, ao valor mais alto dos últimos 10 anos (SICAD, 2023) tal alteração, é já notória, e começa a ter expressão significativa no aumento do número de pessoas do sexo feminino que procura tratamento para a PUA. (TEIXEIRA, FERREIRA, MOUTINHO, 2023).

As últimas décadas, em Portugal, têm sido palco de inúmeras alterações sociais no que se refere ao papel da mulher. É disso exemplo o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho bem como a frequentar o ensino superior, a adopção de estilos de diversão juvenil idênticos em ambos os sexos e o maior número de factores de stress na vida adulta, como consequência do acumular de papéis de mulher e de mãe (COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO [CIG], 2022).

A literatura aponta inúmeras dissemelhanças entre consumos de álcool nos homens e mulheres, designadamente: fisiológicas, sociais e psicológicas. No que se refere às consequências fisiológicas, a OMS (2018), alerta para a maior vulnerabilidade feminina para esta substância, referindo-se à mesma como o efeito telescópio, ou seja, comparativamente aos homens, as mulheres apresentam um período de tempo mais curto entre o início do consumo de álcool e a dependência do mesmo (FOSTER, HICKS, DURBIN, IACONO, MCGUE, 2018).

Relativamente às repercussões sociais e psicológicas do consumo de álcool no sexo feminino, a literatura salienta também a existência de algumas peculiaridades. A reprovação social de que é alvo (NÓBREGA, OLIVEIRA, 2005), suscita muitas vezes uma culpa mais intensa com um maior risco para a depressão. Por outro lado, a dificuldade no cumprimento dos diferentes papéis sociais que são atribuídos às mulheres e em alguns casos a negligência do papel parental contribuem para o agravamento do consumo de álcool e consequentemente para a dependência, parecendo existir o efeito telescópio social (MOUTINHO, 2018). Acerca das ressonâncias psicológicas, a literatura refere que as mulheres associam o seu alcoolismo a perturbações de humor, registando-se também maior frequência de policonsumos de produtos psicotrópicos e, também, a dependência de benzodiazepinas (KIRITZÉ-TOPOR, BÉNARD, 2007).

Tendo em consideração as consequências físicas, psicológicas e sociais referidas, o aumento da procura de mulheres com PUA dos serviços de saúde bem como a parca oferta de intervenções dirigidas a esta população, foi implementada, numa unidade de tratamento ambulatorio para PUA numa cidade portuguesa, uma IG. direcionada a mulheres com PUA. Esta tem como objectivo identificar estratégias para lidar com as consequências do consumo de álcool com vista à promoção e manutenção da abstinência.

Esta intervenção destinada a grupos que podem ir até 15 mulheres com PUA, está a ser desenvolvida desde 2017, tendo emergido a necessidade de avaliar a sua efetividade bem como o significado da inclusão num grupo terapêutico. Mais especificamente, neste recorte do estudo, pretende-se avaliar a forma como as participantes vivenciam o grupo. Assim, a presente investigação foi norteada pela pergunta de investigação “Qual o significado da IG, para mulheres com PUA em tratamento ambulatorio?”

METODOLOGIA

Foi escolhida uma abordagem qualitativa descritiva, que envolveu Grupos Focais (LONGO, FERNANDES, 2014). Foram realizados três Focus Group (FG), com um total de 24 pessoas (8 participantes em cada grupo focal) em tratamento ambulatorio num hospital psiquiatrico de uma cidade portuguesa.

As participantes foram selecionados utilizando um procedimento de amostragem por conveniência. Os critérios de inclusão são os seguintes: (1) mulheres com ≥ 18 anos; (2) comunicarem em português; e (3) concordam em participar neste estudo; (4) pessoas que frequentam o grupo há pelo menos 6 meses. As sessões de FG tiveram lugar durante o mês de janeiro 2023, presencialmente, na sala onde é dinamizado semanalmente a IG com a duração aproximada de 60 minutos. Antes de cada FG, as participantes preencheram um pequeno questionário com algumas variáveis sociodemográficas bem como um formulário de consentimento informado declarando que conheciam os objetivos do estudo e que aceitavam participar no mesmo voluntariamente. As sessões de FG foram gravadas e depois transcritas dando origem ao *corpus* de análise. O momento de interação no FG foi realizada com um grupo de perguntas (Quadro 1) e as participantes foram encorajados a dar a sua opinião.

Quadro 1 – Questões do Focus Grupo

1. O que significa para si este grupo?
2. O que tem aprendido com a vinda ao grupo?
3. Qual a importância dos técnicos no grupo ?
4. Há mais alguma coisa importante que queiram dizer?

O estudo foi conduzido no seguimento da Declaração de Helsínquia e aprovado pela Comissão de ética do Centro Hospitalar Psiquiatrico de Lisboa (código de protocolo P08-2018, aprovado a 21 de dezembro de 2018).

Após constituição do *corpus* de análise, o tratamento dos dados realizou-se através da aplicação da técnica de Bardin (2013).

Numa primeira fase realizou-se a leitura fluente da transcrição dos FG. Nas leituras seguintes e sistematicamente procedemos a “uma microanálise, referida como “uma análise linha-a-linha” por Strauss e Corbin (1998, p 57), identificando e codificando, linha a linha, as frases que geram códigos e posteriores categorias e subcategorias. Estas frases correspondem ao que Bardin (2013) designa como unidades de registo. Para este autor a unidade de registo é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base visando a categorização. Após a identificação das “unidades de registo” foi realizada a codificação aberta. No interior de cada tema foi efetuada a comparação das unidades de registo. Por semelhança ou diferença procedemos ao reagrupamento das mesmas obtendo categorias e subcategorias. Para controlo do processo verificou-se se estas eram mutuamente exclusivas, pertinentes e cobriam a totalidade da informação recolhida fazendo reajustes quando tal não se verificava (SOUSA, FERRITO, 2022).

A revisão dos temas foi confirmada pela revisão de todos os códigos e do conjunto de dados. A codificação envolveu dois (co)investigadores: o investigador principal (L.M.) codificou todas as transcrições, que foram depois codificadas independentemente por um co-pesquisador com formação científica e competência em processamento de dados. Quando surgiram diferenças ou desacordos durante a codificação, os codificadores refletiram até se chegar a um consenso. Um quarto investigador (O.V.) foi consultado para chegar a uma decisão final.

Os FG foram planeadas e conduzidas pela equipa de investigação constituída pelo investigador principal e pelos co-pesquisadores com conhecimentos sobre PUA. O investigador principal foi eficaz na condução de conversas envolventes com as participantes. Facilitou conhecer as participantes e ter uma relação empática e assertiva. Demonstrou neutralidade, sem juízos de valor, dando algum tempo às participantes para exporem as suas opiniões.

As conclusões foram revistas por co-autores (triangulação de investigadores) e resultaram na revisão de nomes de temas e subtema para legitimamente captar a essência das conclusões.

A equipa de investigação era constituída por duas enfermeiras especialista em enfermagem de saúde mental e psiquiatria, uma psiquiatra e uma psicóloga.

O investigador principal (Phd) e uma co-investigadora têm experiência anterior de investigação e estavam familiarizados com o grupo. Um dos co-investigadores foi o secretário das sessões da FG. As participantes foram informadas sobre os objectivos da investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra é constituída por 24 participantes do sexo feminino com uma média de idades de 43,16, Dp =14,50.

Tabela 1- Características Sociodemográficas da amostra (N=24)

Focus Group (FG)		FG1	FG2	FG3
Nacionalidade	Portuguese	6	6	7
	Outra	2	2	1
Ter filhos	Sim	6	4	5
	Não	2	4	3
Tempo de abstinência	> 6 months	4	5	6
	< 6 months	4	3	2
Tempo de tratamento	>12 months	6	4	5
	< 12 months	2	4	3
Situação Laboral	Empregada	4	2	3
	Desempregada	4	6	5
Estado Civil	Solteira	4	3	4
	Casada/União fato	2	2	2
	Divorciada	2	3	2

As participantes estão maioritariamente desempregadas e vivem sós o que é concordante com outras investigações realizadas nesta população (SANTOS *et al*, 2019; EBLING, *et al*, 2019). Estes dados vêm realçar a vulnerabilidade das participantes pela falta de rendimento e apontam para a fragilidade dos laços familiares. Assim no tratamento das mulheres PUA é importante ter em consideração necessidades sociais e a reintegração social de forma singularizada (POWELSON *et al.*, 2014).

Este estudo tinha como objetivo identificar a importância da IG no tratamento das mulheres com PUA. Do processo de análise dos FG foi identificado um tema, quatro categorias e cinco subcategorias.

Quadro 2- Temas, categorias e sub-categorias do FG

Significado do grupo	Informação sobre doença	Dependência alcoólica
		Estratégias para manter abstinência
	Sentimento de pertença	Companheirismo
		Apoio
	Capacitar para a mudança	
	Diminuição do Estigma	
Diminuição da Ansiedade		

No que se refere ao significado da IG, as mulheres com PUA falam da importância que o grupo teve na aquisição de **informação sobre a doença (dependência alcoólica)**: “*novos conhecimentos (...) sobre a bebida*”(FG1; E5), “*aprendo muito (...) em especial sobre o mal que me fazia beber*” (FG3; E5). A aquisição de conhecimentos sobre as consequências do uso de álcool potencia a tomada de decisões com vista à manutenção da abstinência uma vez que a informação sobre os seus problemas de saúde irá permitir a tomada de decisões mais consciente sobre os seus comportamentos (PRIEBE, WIKLUND,

GUSTIN, FREDRIKSSON, 2018).

Após a interrupção da ingestão de bebidas alcoólicas é importante manter a abstinência. No dia a dia de cada uma das participantes acontecem inúmeras situações em que surge a vontade de consumir, pelo que é importante a aquisição de estratégias que vizem a manutenção da abstinência. A IG é apontada como uma abordagem de tratamento onde é possível aprender **estratégias para manter a abstinência**: “*aqui dão pistas para nos orientarmos*” (FG2; E2), “*Aprendo com novas situações*” (FG2; E6), “*Ajuda-me a manter as escolhas certas que vou definindo*” (FG3; E5). Carvalho, Malagris, Rangé, (2019), dizem que ajudar a lidar com problemas e emoções desagradáveis, bem como, aprender estratégias para enfrentar os problemas sem a substância, são técnicas importantes no tratamento da PUA. Além da aquisição de conhecimentos e de estratégias para manter a abstinência, é fundamental que as mulheres com PUA estejam capacitadas para as mudanças que deverão realizar nas suas vidas.

Esta capacitação é uma construção que é feita à medida que as mulheres se tornam mais autónomas e transformam a sua realidade em meio da aprendizagem (KANAN, 2015).

A IG é referida como tendo um papel crucial na **capacitação para a mudança**: “*pensar nas coisas que posso mudar*” (FG1; E2), “*aqui penso em fazer coisas...*” (FG2; E3), “*sinto-me mais confiante (...) acredito que vou conseguir*” (FG3; E3). Através da participação da IG, as mulheres olham para a sua realidade e para a de outras que vivenciam os mesmos problemas o que pode potenciar a aprendizagem. Realça-se que a capacitação também pode ser o resultado da autonomia que vão adquirindo, da atuação na tomada de decisões e na transformação da realidade (MARINHO, GONÇALVES, 2016).

Para a manutenção da abstinência é importante que cada mulher consiga lidar com situações e/ou estados emocionais que a deixam mais vulnerável ao consumo. Por outro lado, a estigmatização e a ansiedade são muitas vezes referidas como fatores de risco para a ingestão de bebidas alcoólicas (LIMBERGER, SCHNEIDER, ANDRETTA, 2015; SILVA, PEREIRA, PENNA, 2018).

A IG para mulheres com PUA é também apontada como uma estratégia importante para a **diminuição do estigma**: “*A partilha faz sentir que não somos diabos*” (FG1; E7), “*Sensação de que há outras como eu...*” (FG2; E5). **A diminuição da ansiedade** é outro aspeto apontado pelas participantes: “*Sinto-me relaxada quando vou para casa depois do grupo...*” (FG1; E1), “*aqui estou descontraída*” (FG2; E4), “*Fico mais tranquila (...) aqui e quando vou embora*” (FG3; E1).

O sentimento de pertença é outro dos aspetos referidos pelas participantes: “*gosto de ser acarinhada*” (FG1; E3), “*amizade...aqui sinto que tenho amigas*” (FG2; E7), “*a coesão que sinto aqui é muito importante para mim*” (FG3; E1), “*Apoio (...) levo daqui apoio*” (FG3; E8), “*Entra-se mas não se sai*” (FG2; E8), “*Convívio é muito importante*” (FG1; E3), “*sinto-me aconchegada*” (FG2; E4). Segundo Azevedo (2011), os grupos terapêuticos são uma ferramenta importante de ressocialização na medida em que é proposto o agir e o

pensar coletivos, analisados por uma lógica própria de acordo com a capacidade de cada sujeito. A possibilidade de socializar é referida pelos participantes “*aqui posso socializar um bocadinho*”(FG2; E4).

Tendo em consideração tudo o que foi referido parece fundamental a inclusão da IG no tratamento às pessoas com PUA. A utilização de grupos terapêuticos é referenciada pela literatura pela sua importância na promoção do papel de cada um no seu próprio tratamento (BISEUL, ICICK, SEGUIN, BELLIVIER, SCOTT, 2017; MACIEL, LEAL, 2022). O grupo oferece um espaço estruturado para a partilha das experiências individuais sobre o processo de doença (MEZZICH *et al.*, 2017). Partilhar as suas experiências e ouvir as dos outros proporciona uma troca que permite reflexões sobre a gravidade do problema pessoal e da sua própria condição (MACIEL, LEAL, 2022). Estes autores salientam ainda que a oportunidade de conhecer pessoas que enfrentam problemas semelhantes tem um papel central para a aprendizagem de estratégias para os ultrapassar.

CONCLUSÃO

A IG dirigida a mulheres com PUA mostrou ser uma abordagem com impacto positivo no tratamento. O presente estudo contribui para a sensibilização dos profissionais de saúde em prática clínica para a importância da abordagem em função do género. No ensino dos profissionais de saúde e especificamente de enfermagem deve ser realizada a sensibilização para a importância das especificidades do consumo de álcool pelo sexo feminino. Na investigação deverão ser realizados mais estudos, com amostras mais alargadas, que permitam uma melhor não apenas a caracterização mulheres com PUA mas, sobretudo, as intervenções a elas dirigidas.

DECLARAÇÃO DE INTERESSES

Nós, autores deste artigo, declaramos que não possuímos conflitos de interesses de ordem financeira, comercial, político, académico e pessoal.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Dulcian Medeiros. **Oficinas Terapêuticas como Instrumento de Reabilitação Psicossocial: Percepção de Familiares**. Escola Anna Nery (impr.), v.15, n. 2, p. 339-345, abr. - jun. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000200017>. Acedido em 7 de fev de 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa. 2013.

BISEUL, Isabelle, ICICK, Romain, SEGUIN, Perrine, BELLIVIER, Frank, SCOTT, Jan. Feasibility and Acceptability of the ‘HABIT’ Group Programme for Comorbid Bipolar and Alcohol and Substance use Disorders. **Clinical psychology & psychotherapy**, 24(4), 887-898. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/cpp.2053>. Acedido em 13 de fev 2024.

CARVALHO, Regine, MALAGRIS, Lucia, RANGÉ, Bernard. (org.). **Psicoeducação em Terapia Cognitivo-Comportamental**. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2019.

COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO. **Igualdade de Género em Portugal: Boletim Estatístico 2022**. Lisboa, 2022.

EBLING, Sandra Beatris Diniz et al . O consumo abusivo de álcool entre mulheres rurais e suas relações familiares. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 24, n. 2, p. 120-131, dez. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acedido em 13 fev. 2024.

FOSTER, Katherine, HICKS, Brian, DURBIN, Emily, IACONO, William. G., , MCGUE, Matt. The gender risk-severity paradox for alcohol use disorder from adolescence through young adulthood. **Emerging adulthood**, 6(6), 375-386. EUA, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2167696817740453>. Acesso em 15 fev 2024.

KANAAN, Hanen. **Quando eu saí de casa: Inventário das políticas públicas e práticas educativas emancipatórias do Programa Mulheres Mil**. Dissertação de mestrado. Santa Catarina, Brasil: Universidade da Região de Joinviller. 2015.

KIRITZÉ-TOPOR, Paul & BÉNARD, Jean-Yves. **Alcoologia- Guia Prático de Medicina**. Climepsi Editores. Loures, 2007.

LIMBERGER, Jéssica, SCHNEIDER, Jaluza , ANDRETTA, Ilana. Especificidades do tratamento de mulheres usuárias de crack: interface com direitos humanos. **Psicologia em Pesquisa**, 9(2), 13-147. 2015 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v9n2/v9n2a04.pdf>. Acedido a 12 de fev de 2024.

LONGO, João, FERNANDES, Maria. Focus-Group e processo de ensino-aprendizagem em Enfermagem: Uma revisão sistemática da literatura. **Biomedical and Biopharmaceutical Research**, 1 (11), pp. 11-21. 2014. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/5497>. Acedido 10 de fev de 2024.

MACIEL, Carla, LEAL, Erotildes. Grupos de medicação e experiência do adoecimento: compartilhamento de narrativas no contexto da atenção psicossocial. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, 32(3), e320317. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320317>. Acedido em 5 de fev de 2024.

MARINHO, Paloma , GONÇALVES, Hebe. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. **Revista de Estudios Sociales**, 56, 80-90. 2016. Disponível em: doi:10.7440/res56.2016.06. Acedido em 10 fev 2024.

MOUTINHO, Lídia. **Consumo de álcool: da experimentação precoce ao consumo de risco. Tese doutoramento**. Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal, 2018.

NÓBREGA, Maria, OLIVEIRA, Eleonora. Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. **Revista Saúde Pública**, 39 (5), 816-23. 2005. Disponível em: doi: S0034-89102005000500018. Acedido em 3 de fev de 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Global status report on alcohol and health 2018**. Geneva: World Health Organization, 2018.

POWELSON, Elisabeth, LORVICK, Jennifer, LUTNICK, Alexandra, WENGER, Lynn, KLAUSNER, Jeffery, KRAL, Alex. Unmet Healthcare Need Among Women Who Use Methamphetamine in San Francisco. **Substance use & misuse**, 49, 243-252. 2014.

Disponível em: <https://doi.org/10.3109/10826084.2013.825>. Acedido a 13 fev 2024.

PRIEBE, Åsa, WIKLUND GUSTIN, Lena, & FREDRIKSSON, Lennart. A sanctuary of safety: A study of how patients with dual diagnosis experience caring conversations. **International journal of mental health nursing**, 27(2), 856-865. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/inm.12374>. Acedido em 10 de fev 2024.

SANTOS, Jessica, PERRUCCI, Ludmila, PEGORARO, Natália, SCHERER, Zeyne, SOUZA Jacqueline, SANTOS Manoel, PILLON, Sandra. Use of psychoactive substances in women in outpatient treatment. **Rev Bras Enferm**. 72(Suppl 3):178-83. 2019. Disponível em: doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0399>. Acedido a 10 fev de 2024.

SERVIÇO INTERVENÇÃO COMPORTAMENTOS ADITIVOS. **Relatório anual 2022. A Situação do País em Matéria de Álcool**. Serviço intervenção comportamentos aditivos. Lisboa. 2023. Disponível em https://www.sicad.pt/BK/Publicacoes/Lists/SICAD_PUBLICACOES/Attachments/193/RelatorioAnual_2022_%20ASituacaoDoPaisEmMateriaDeAlcoolpdf.pdf. Acedido em 2 de fev de 2024.

SILVA, Érika, PEREIRA, Adriana, PENNA, Lúcia. Estereótipos de género no cuidado psicossocial das usuárias de cocaína e crack. **Cadernos de saúde pública**. 34 (5); 1-10. 2018. Disponível em: doi: 10.1590/0102-311X00110317. Acedido a 11 de fev de 2024.

SOUSA, Patrícia, FERRITO, Cândida. Metodologia Qualitativa aplicada à investigação em cuidado de saúde. In C. Sequeira & M. Néné. **Investigação em Enfermagem**. p .71-96. Lidel. Lisboa. 2022.

STRAUSS, Anselm, CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative Research: Techniques and Procedures for developing Grouded Theory**. SAGE Publications. U.S.A. 1998.

TEIXEIRA, Joana, FERREIRA, Sónia, MOUTINHO, Lídia. Reabilitação em ambulatório de mulheres com Perturbações do Uso de álcool: evolução dos últimos 12 anos. **Revista Portuguesa de Alcoologia**, Suplemento 4, (2), Lisboa, p 42, 2023.

WILSNACK, Sharon, WILSNACK, Richard, KANTOR, Lori. Focus on: Women and the costs of alcohol use. **Alcohol Research: Current Reviews**, 35(2), 219–228. EUA, 2013. Acesso em 12 de Fev 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **European health report 2021**. Geneva: World Health Organization. 2022. Acedido em 14 de fev 2024.